



Desafio à Doutrina Trump

Presidente revê a estratégia de segurança para a região, que previa distanciamento dos conflitos e apoio na liderança de aliados, como Israel, Arábia Saudita e Turquia. Força aeronaval toma posição no Golfo Pérsico e coloca ultimato ao Irã

» SILVIO QUEIROZ

A chegada ao Golfo Pérsico de uma nutrida força aeronaval enviada pelo presidente Donald Trump volta a colocar os Estados Unidos em rota de colisão com o regime islâmico do Irã, arquirrival da superpotência na estratégica via de navegação do Oriente Médio há quase meio século. O grupo de ataque liderado pelo poderoso porta-aviões USS Abraham Lincoln toma posição no momento em que os dois países voltam a trocar ameaças. Washington pressiona por um acordo pelo qual Teerã renuncie a seu programa nuclear, suspeito de encobrir o desenvolvimento de armas atômicas. Os aiatolás respondem reafirmando a soberania do país e rejeitando “imposições imperiais”. De lado a lado, a promessa é de usar força máxima, no caso de um confronto.

Quando enunciou sua Estratégia de Segurança Nacional (NSS), publicada no início de dezembro, Donald Trump identificou a China como adversário central — como haviam feito os antecessores democratas, Barack Obama e Joe Biden. Mas definiu a América Latina, o “quintal” dos Estados Unidos, como palco principal da disputa. Dois meses mais tarde, quando começa o segundo ano desde o retorno à Casa Branca, o magnata republicano se vê às voltas com um cenário que frequenta os planos de política externa dos EUA desde o fim da 2ª Guerra Mundial, em 1945. Diante da onda de protestos no Irã, reprimidos sem misericórdia pelo regime islâmico, passa ao primeiro lugar, na fila de prioridades, uma intervenção militar no país — com os desdobramentos previsíveis para a vizinhança imediata e para toda a região.

“No que diz respeito ao Oriente Médio, a NSS afirma que não se trata mais de um ponto focal para a política externa dos EUA, o que é inteiramente consistente com a posição defendida por Trump em suas três campanhas eleitorais pela presidência”, analisa Steven Cook, estudioso da região no Conselho de Relações Exteriores (CFR, em inglês), tido como uma espécie de laboratório de ideias para o Departamento de Estado. Essa abordagem,

reforça Cook, é também coerente com o discurso pronunciado por Trump em maio último, na Arábia Saudita, onde afirmou que “está terminada a era em que os EUA se metiam em ‘constituir países’ no Oriente Médio”.

O documento estratégico acabou rebatizado, informalmente, como Doutrina Donroe, misturando o prenome de Trump ao sobrenome do presidente James Monroe, que proclamou em 1824 a hegemonia do país no hemisfério, sob o lema “a América para os americanos”. “A NSS comete o engano de assumir a ideia de que, por estarem engajados na competição global com a China, os EUA podem deixar de lado o Oriente Médio”, observa o especialista do CFR. “Mas a China também tem a região como parte de suas ambições globais”, lembra.

No primeiro ano de governo, Trump atacou instalações nucleares no Irã, em junho, e reforçou a presença militar em Israel, de onde monitora a implantação de seus planos para reconstruir a Faixa de Gaza — sem participação do Hamas ou de outras facções palestinas. Agora, articula com Turquia e Arábia Saudita a reordenação da Síria após a queda do regime pró-iraniano de Bashar al-Assad. “Os EUA são capazes e querem fazer coisas que vão além do que podemos imaginar, assim como o presidente é capaz e quer”, resume Vali Nasr, estudioso iraniano radicado nos EUA desde a Revolução Islâmica de 1979.

Irã na mira

Professor do Instituto de Estudos Avançados sobre Relações Internacionais na Universidade Johns Hopkins, Nasr abordou em podcast no site do CFR as contradições da política de Trump para o Irã. “Claramente, ele não está interessado em ‘consertar’ um país. Não quer colocar tropas no terreno, nem está interessado, necessariamente, em mudar o regime.” O estudioso aponta, como objetivo central da Casa Branca, no Oriente Médio como no Irã, contar com “regimes que aceitem fazer o que se determina (de Washington)”.

Nasr vê nesse aspecto o “perigo” para o regime islâmico e seu líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei, mas julga improvável que se tenha destino parecido com o de

Atta Kenare/AFP



Mural em Teerã retrata um porta-aviões norte-americano sob ataque: República Islâmica volta ao foco da estratégia de Trump para a região

Atta Kenare/AFP



Cenas de destruição na mesquita Al-Aqsa na capital iraniana

Nicolás Maduro, o presidente venezuelano, capturado em plena capital, Caracas, por um comando de elite dos EUA — e levado a Nova York para ser julgado por crimes relacionados

ao narcotráfico. “O Irã é mais difícil que a Venezuela, em muitos graus de magnitude”, compara. “As possibilidades de que o presidente Trump dispunha com Maduro não existem por lá.”



Os EUA são capazes e querem fazer coisas que vão além do que podemos imaginar, assim como o presidente é capaz e quer”

Vali Nasr, professor de relações internacionais da Universidade Johns Hopkins



A Estratégia de Segurança Nacional comete o engano de assumir a ideia de que, por estarem engajados na competição global com a China, os EUA podem deixar de lado o Oriente Médio”

Steven Cook, pesquisador do Conselho de Relações Exteriores

O tabuleiro geopolítico mudou

No que diz respeito ao Oriente Médio, as linhas básicas traçadas por Donald Trump em sua Estratégia de Segurança Nacional (NSS) — um documento que todo governo norte-americano deve publicar — parecem assentadas em uma leitura unilateral das mudanças produzidas na região pela derrota do Estado Islâmico, em 2019. Até então, o súbito e inesperado sucesso dos jihadistas na Síria e no Iraque, ambos desestabilizados no processo iniciado com a derrubada de Saddam Hussein e seguido pela chamada Primavera Árabe, havia colocado em posição algo cômodo ao regime islâmico do Irã e seus aliados mais próximos, como Bashar al-Assad e o Hezbollah libanês. Arábia Saudita, Turquia, Jordânia e outros tradicionais adversários dos aiatolás combinaram esforços com o “eixo da resistência”, coordenado de Teerã.

Com o Estado Islâmico fora do jogo, ou ao menos enfraquecido como ameaça existencial, a balança voltou a pender, aparentemente, a favor do bloco muçulmano sunita, mais afinado com Washington, em sua disputa secular por áreas de influência com os aiatolás xiitas e seus parceiros. O desfecho da breve guerra entre Irã e Israel, com o bombardeio dos EUA contra importantes instalações nucleares iranianas, somado à neutralização física da cúpula do Hezbollah — missão executada pelas forças israelenses —, alimentou no governo Trump uma apreciação segundo a qual o cenário regional permitiria delegar ao “eixo sunita” o trabalho de manter “sob controle” o regime islâmico de Teerã.

Em artigo escrito ainda em 2025 para a prestigiosa revista *Foreign Affairs*, em coautoria com a

Omar Haj Kadour/AFP



pesquisadora italiana Maria Fantappie, o estudioso iraniano Vali Nasr, da Universidade Johns Hopkins, observa que, embora representem

apenas 15% a 20% da comunidade islâmica no mundo, os xiitas são metade dos muçulmanos do Oriente Médio. São majoritários no Irã, no

Refugiados acampados na Síria: herança do combate ao Estado Islâmico

Iraque e no Bahrein, como em parte do Iêmen, além de comporem a maior comunidade religiosa do Líbano. “Caso se sintam marginalizados nas articulações diplomáticas e no reordenamento da região, poderão reavivar os laços políticos comunitários como estratégia de sobrevivência” alertam os especialistas. “Se não tiver seu lugar nessa nova ordem, dificilmente o Irã poderá ser contido com sucesso.”

Nasr e Fantappie endereçam suas considerações à Arábia Saudita e às demais monarquias sunitas do Golfo Pérsico, bem como à Turquia, aliada estratégica de Washington, por integrar a

Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, aliança militar liderada pelos EUA). “Ao mesmo tempo em que investem esforços para encorajar o estabelecimento de governos fortes e centralizados na Síria e no Líbano, para que possam se contrapor à influência iraniana, devem impedir que isso prejudique a normalização de relações com o Irã”, diz o artigo na *Foreign Affairs*, uma das “bíblias” para os estudiosos de relações internacionais.

“Washington deve respaldar as iniciativas dos aliados árabes para normalizar esses laços, o que significa conversar diretamente com Teerã”, aconselham os dois estudiosos. “Ao contrário do que Trump parece considerar, o Irã não se sentiu derrotado após a guerra dos 12 dias (com Israel). E manter o Oriente Médio fraturado não trará estabilidade.” (SQ)